

Excertos – A dialogicidade (Freire)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

TUBINO, Fidel. Las prácticas discursivas sobre la interculturalidad en el Perú de hoy. Propuesta de lineamientos para su tratamiento en el sistema educativo peruano. Consultoría encargada por la Dirección Nacional de Educación Bilingüe Intercultural, 2005. Disponível em: <https://centroderecursos.cultura.pe/es/registrobibliografico/las-pr%C3%A1cticas-discursivas-sobre-interculturalidad-en-el-per%C3%BA-de-hoy-propuesta>

Palavra e diálogo:

“Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.

A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação.

Se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo” (FREIRE, 2018, p. 107-108).

“Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue” (FREIRE, 2018, p. 109).

“Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação” (FREIRE, 2018, p. 110-111).

“Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?” (FREIRE, 2018, p. 111-112).

“Quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores. Lamentavelmente, porém, neste ‘conto’ da verticalidade da programação, ‘conto’ da concepção ‘bancária’, caem muitas vezes lideranças revolucionárias, no seu empenho de obter a adesão do povo à ação revolucionária. Acercam-se das massas camponesas ou urbanas com projetos que podem corresponder à sua visão do mundo, mas não necessariamente à do povo” (FREIRE, 2018, p. 117-118, nessa passagem, Freire cita Mao, que influencia o movimento dos *Établis*, pós-68).

“Por isto é que não podemos, a não ser ingenuamente, esperar resultados positivos de um programa, seja educativo num sentido mais técnico ou de ação política, se, desrespeitando a particular visão do mundo que tenha ou esteja tendo o povo, se constitui numa espécie de ‘invasão cultural’, ainda que feita com a melhor das intenções. Mas ‘invasão cultural’ sempre” (FREIRE, 2018, p. 112).

Contradições concretas – Situações-limite – conscientização:

“Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política, acrescentemos. O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas **contradições básicas**, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação” (FREIRE, 2018, p. 120).

“Os homens, pelo contrário (dos animais), porque são **consciência de si** e, assim, consciência do mundo, porque são um ‘corpo consciente’, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade” (FREIRE, 2018, p. 125).

“Ao se separarem do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade em si, em suas relações com o mundo e com os outros, os homens ultrapassam as **“situações-limites”**, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mais além das quais nada existisse” (FREIRE, 2018, p. 125).

“Não sendo o animal um **‘ser para si’**, lhe falta o poder de exercer ‘atos-limites’, que implicam numa postura decisória frente ao mundo, do qual o ser se “separa”, e, objetivando-o, o transforma com sua ação. Preso organicamente a seu suporte, o animal não se distingue dele” (FREIRE, 2018, p. 126).

“Desta forma, o próprio dos homens é estar, como **consciência de si e do mundo**, em relação de enfrentamento com sua realidade em que, historicamente, se dão as **‘situações-limites’**. E este enfrentamento com a realidade para a superação dos obstáculos só pode ser feito historicamente, como historicamente se objetivam as **‘situações-limites’**” (FREIRE, 2018, p. 126).

“Investigar o ‘tema gerador’ é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis. (...)

Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua **tomada de consciência** em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela” (FREIRE, 2018, p. 136-137).

“Dai que seja a conscientização o aprofundamento da tomada de consciência, característica, por sua vez, de toda emergência. Neste sentido é que toda investigação temática de caráter **conscientizador** se faz pedagógica e toda autêntica educação se faz investigação do pensar. Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando” (FREIRE, 2018, p. 142).

“Daí também o imperativo de dever ser **conscientizadora** a metodologia desta investigação” (FREIRE, 2018, p. 143).

Influência de Freire no “diálogo intercultural”:

“A interculturalidade deve ser compreendida como um discurso que não está vinculado exclusivamente ao diálogo entre culturas, mas deve ser vista como um discurso preocupado em explicitar as condições para que esse diálogo ocorra. Essas condições são de índole social, econômica e educativa, além de cultural” (TUBINO, 2005, p. 76; Catherine Walsh cita Tubino em seus textos).